



A construção do sobrenatural no conto “A mancha” de Mia Couto

Anita Martins Rodrigues de Moraes¹

Juliane Paula Santos do Nascimento²

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o conto “A mancha”, de Mia Couto (publicado em *Cronicando*). Nessa narrativa, diversas concepções de realidade são mobilizadas pelo autor para que se trate da brutal guerra civil moçambicana. Para nos aproximarmos dessa estratégia de composição, recorreremos a conceitualizações em torno da narrativa fantástica e do realismo maravilhoso. Em seguida, deteremo-nos na análise do texto coutiano buscando evidenciar como o escritor recorre ao sobrenatural para lidar com o desafio de representar uma guerra civil.

Palavras-chave: Literatura Moçambicana; Mia Couto; fantástico; realismo maravilhoso.

Abstract: This article aims to analyze the short story "A Mancha" by Mia Couto (published in *Cronicando*). In this narrative, several conceptions of reality are mobilized by the author to express the violence of the civil war in Mozambique. To approach us the strategy of this composition, we are going to use conceptualizations around the fantastic narrative and magical realism. Then, we are going to give attention to the analysis of the coutiano text trying to show how the writer uses the supernatural to deal with the challenge of representing a civil war.

Keywords: mozambican literature; Mia Couto; fantastic; magical realism;

1 – Breve conceitualização acerca de gêneros que envolvem o sobrenatural

¹ Bolsista da FAPESP. Pós-doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Relacionado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. E-mail: nimoraes@yahoo.com

² Aluna de iniciação científica em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Relacionado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. E-mail: jupsn@hotmail.com

O conto “A Mancha”, de Mia Couto, apresenta uma estratégia instigante no que se refere aos recursos utilizados pelo autor para representar três concepções de realidade. Essas se referem às categorias do realismo, do fantástico e do realismo maravilhoso. As relações entre essas categorias podem ser encontradas em diversos estudos, com destaque para as teorias de Tzvetan Todorov e Irleamar Chiampi, autores, respectivamente, das obras: *Introdução à Literatura Fantástica* e *O Realismo Maravilhoso*.

A ligação entre as estéticas do realismo maravilhoso e do realismo, propriamente dito, segundo Chiampi (2008), se dá por oposição. Ou melhor: por meio da expansão do que se entende por realidade, sendo essa pluralizada, contrapondo a idéia de unidade da mesma, característica inerente ao realismo, produz-se, então, o realismo maravilhoso. Em seu livro, a teórica cita o poeta Bontempelli que desenvolve esse conceito. Ele afirma que a estética do realismo maravilhoso combate a realidade pela realidade e a fantasia pela fantasia, pois seu desejo é descrever outras dimensões do que chamamos de realidade, contudo sem abrir mão do visível e concreto. Logo, o realismo maravilhoso tem como principal propósito desfazer o conceito da realidade unilateral para desenvolver a narrativa que possibilita a descrição múltipla da realidade de forma inovadora. Porém, antes de nos determos no conceito de realismo maravilhoso, é preciso descrever algumas teorias do fantástico. Esse gênero, por sua vez, não busca descrever realidades, e sim expor a precariedade do que denominamos realidade. A narrativa fantástica procura indagar o leitor e o personagem, através de acontecimentos insólitos, sobre a fronteira entre o real e o irreal e, mais que isso, indagar se realmente existe essa linha, ou seja, se a realidade tal como a concebemos é o limite para todas as experiências humanas.

A concepção de Todorov sobre a literatura fantástica é a de que essa é composta num mundo

que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis desse mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. (TODOROV, 2008, p.30)

O teórico acrescenta ainda que o fantástico nasce da incerteza. “O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um

acontecimento aparentemente sobrenatural.” (Todorov, 2008, p.31) Logo, nesse gênero, a realidade é questionada até o momento em que o personagem elege uma das opções: acreditar no evento sobrenatural e nesse caso estamos no campo do maravilhoso, ou crer que esse acontecimento faz parte da realidade e, então, estamos diante de um evento estranho, pois esse pode ser explicado pelas leis que regem o mundo “real”.

Quanto à narrativa realista maravilhosa, relacionada ao fantástico, há algumas características que merecem atenção. Diferentemente desse gênero, o realismo maravilhoso nega qualquer efeito de pavor diante do evento sobrenatural³, pois, no lugar dessa estratégia, utiliza o encantamento como efeito discursivo no que cabe

à interpretação não-antitética dos componentes diegéticos. O insólito, em óptica racional, deixa de ser o ‘outro lado’, o desconhecido, para incorpora-se ao real: a maravilha é(está) (n)a realidade. Os objetos, seres ou eventos que no fantástico exigem a projeção lúdica de duas probabilidades externas (...), são no realismo maravilhoso destituídos de mistério, não duvidosos quanto ao universo de sentido a que pertencem. Isto é, possuem probabilidade interna, tem causalidade no próprio âmbito da diégese e não apelam, portanto, à atividade de deciframento do leitor. (CHIAMPI, 2008, p.59)

Neste trecho, Chiampi aponta a causalidade do gênero realista maravilhoso: o insólito, o sobrenatural corresponde à ordem natural desses enredos, o que os afasta da narrativa fantástica.

Ainda ao que cabe a esses gêneros, tangenciaremos as técnicas de causalidade dos mesmos, por meio da seguinte comparação feita por Chiampi:

enquanto na narrativa realista, a causalidade é explícita (isto é: há continuidade entre causa e efeito) e na fantástica ela é questionada (comparece pela falsificação das hipóteses explicativas), na narrativa maravilhosa, ela é simplesmente ausente: tudo pode acontecer, sem que se justifique ou se remeta aos realia. (CHIAMPI, 2008, p.60)

É nesse sentido que podemos fundamentar de maneira mais clara as diferenças entre esses gêneros que se concebem, principalmente, pela maneira de compor a realidade. No realismo, a causa e o efeito são explícitos, não existem acontecimentos para os quais faltem explicações racionais; no fantástico temos a dúvida, a lei da causa e efeito, por meio da hesitação, torna-se ineficaz, se o personagem opta pela resolução sobrenatural, porém se elege a opção que se volta

³ No gênero fantástico, o fator emotivo tem grande importância, pois está inserido na hesitação, o pavor diante de um acontecimento insólito. (TODOROV, 2008)

ao realismo, então, retornamos à lei da causa e efeito; por fim, no realismo maravilhoso encontramos a ausência dessa lei e os personagens e o leitor não questionam os acontecimentos, não há uma lei para enquadrar as ações descritas nessas narrativas.

2 Questão histórica moçambicana, a partir do relato de Mia Couto.

Acreditamos que a escolha de Mia Couto por incorporar o sobrenatural na composição do conto “A mancha” está relacionada, possivelmente, à atmosfera insólita instaurada em Moçambique durante a luta pela independência contra Portugal e, posteriormente, durante os anos de guerra civil. A obra *Cronicando*, em que se encontra a narrativa que analisamos nesse artigo, contém diversos enredos que apresentam como temática principal o conflito pós-independência.

Mia Couto esteve muito próximo dos acontecimentos relacionados à guerra de independência de seu país, como explica abaixo, mas o resultado não sucedeu como o esperado, pois em seguida teve início o conflito civil, que incutiu grande descrença na população do país, que se sentia desprotegida diante desse embate, como evidencia o protagonista de nosso conto, que, de acordo com as descrições do narrador, encontrava-se em um ambiente rural: “De quando em enquanto, ele parava e levava o medo ao pensamento. E se desse encontro com os bandidos? Os perigos do mato ele sabia calcular, os da guerra não.” (COUTO, 1993, p.102) O autor moçambicano fala desse sentimento e de sua experiência durante os anos de luta pela independência:

A independência nacional era para mim o final desse universo de injustiças. Foi por isso que abracei a causa revolucionária como se fosse a minha predestinação. Cedo me tornei um membro da Frente de Libertação de Moçambique e a minha vida foi, durante um tempo, guiada por um sentimento épico de estarmos criando uma sociedade nova.

No dia da Independência de Moçambique eu tinha 19 anos. Alimentava, então, a expectativa de ver subir num mastro uma bandeira para o meu país. Eu acreditava, assim, que o sonho de um povo se poderia traduzir numa simples bandeira. Em 1975, eu era jornalista, o mundo era a minha igreja, os homens a minha religião. E tudo era ainda possível. (COUTO, 2005, p.191)

Em seguida, durante seu depoimento, sobre os 30 anos de independência de Moçambique, Mia Couto narra um episódio interessante: o anúncio da proclamação da

independência estava marcado para a meia-noite, contudo, somente aos vinte minutos do dia 25 de junho, Moçambique se tornou um país livre.

Passavam 20 minutos da meia-noite e ainda Samora não emergira no pódio. De repente, a farda guerrilheira de Samora emergiu entre os convidados. Sem dar confiança ao rigor do horário, o Presidente proclamou: 'às zero horas de hoje, 25 de Junho..'. Um golpe de magia fez os ponteiros recuarem. A hora ficou certa, o tempo ficou nosso. (COUTO, 2005, p.192)

A hora retrocedeu, voltou a ser meia-noite: os acontecimentos mágicos nesta sociedade, aparentemente, não estão voltados apenas às tradições do espaço rural, responsáveis, muitas vezes, pela herança de cunho sobrenatural nas narrativas de Moçambique, fatos modernos também podem estar envoltos de magia. O próprio Mia Couto admite que “o fantástico e o inusitado estão na realidade africana e fazem parte de nossa cultura.” (BIAZETTO, 2009, p.73) Essa afirmação juntamente com o evento descrito pelo autor reforçam uma constatação feita por um escritor cubano - Alejo Carpentier – citado na obra de Calasans Rodrigues:

numa visita que faz, em 1943, ao Haiti, às ruínas do reino de Henri Christophe (um mestre cozinheiro negro, haitiano, que se tornou o primeiro rei nativo de sua terra). Ali ele encontrou a redefinição de super-realidade, não na fantasia de um narrador, mas na própria realidade, ainda mergulhada em crenças míticas e religiões primitivas (vodu).

A condição para viver essa realidade era ter fé, segundo Carpentier, ou seja, estar aberto para aceitá-la. Diz o autor: “Pisava em uma terra onde milhares de homens ansiosos de liberdade acreditaram nos poderes licantrópicos de Mackandal, a ponto de essa fé coletiva produzir um milagre no dia de sua execução.” (op. Cit./ p. 12)

O autor associa o maravilhoso vivenciado no Haiti à América inteira, um continente novo cujas cosmogonias não se haviam estabelecido todas ainda. (RODRIGUES, 1988, p. 58)

A fé, para Carpentier, escritor e estudioso do realismo maravilhoso, é a condição para tornar realidade o insólito, este não está restrito apenas às narrativas. E a fé em um novo futuro, em um verdadeiro milagre, trabalhava em todos que assistiam à proclamação da independência moçambicana. Tal experiência, testemunhada por Mia Couto, somada à fala de um de seus personagens: “Qual invenção, qual quê? Eu não disse que era preciso ter fé, mais fé do que dúvida?” (COUTO, 1999, p. 117-8), explicam, em parte, a razão da estratégia do sobrenatural estar intrínseca à narrativa que analisaremos aqui, pois a esperança de “quem tinha esperado séculos [e] não

dava conta de vinte minutos a mais” (COUTO, 2005, p.192) não se firmou e a fé se viu em embate com a crueldade da guerra, que tomou proporções excepcionais.

3 “A Mancha” de Mia Couto

A guerra civil moçambicana teve seu fim há quase duas décadas e ainda é, sem dúvida, como dito anteriormente, uma das constantes temáticas na obra do escritor Mia Couto. O autor a desenvolve de diversas formas em suas narrativas: desde a conscientização do combate militar e todas as suas conseqüências sobre o indivíduo e o povo moçambicano até o desenrolar do pós-guerra. O conto “A Mancha” compilado no livro *Cronicando* de 1991, um ano antes do fim da guerra civil, aborda a forma enganosa como a mesma, por meio de uma lenta corrosão, destrói um único homem.

A estratégia utilizada pelo autor para trilhar esse caminho baseia-se, como foi observado acima, por meio do abandono, de forma sutil, do discurso e causalidade realistas para aproximar-se do insólito, que recria a sensação do absurdo da guerra. Segundo Biazetto (2009, p.121), “Mia Couto convida seus leitores a revisitar o momento histórico do conflito, por meio de narrativas que desmontam as fronteiras entre o real e o imaginário e a poesia e a prosa.”

O conto, de três páginas, trata de um homem que encontra um casaco, do tipo camuflado, referência ao exército, em uma noite fria. O homem acha estranho o fato de a peça estar jogada “na margem do caminho” e sem nenhuma mancha ou sinal de violência: não há sequer cheiro de homem na mesma, logo, parece-lhe que a roupa nunca fora usada por ninguém. Ele hesita em vesti-la, mas o frio vence o receio. Até então, não encontramos nenhuma descrição que retire o enredo do plano realista, mas, em seguida, temos o primeiro acontecimento sobrenatural:

Num momento, parou escasso. Parecia ter ouvido o barulho de um som. Estremeceu, com pressa de não estar no mundo. O estrondo que ele ouviu encheu toda a manhã. Já não era barulho de sombra, era luz que arrebatava, mais adiante. Depois, tudo se calou. (...) Ele ficou à espera de cair, despedido de si. Mas a morte não chegava. Nem sequer a dor que é vizinha da morte. O homem continuava de sangue inteiro. (...) Sentou-se e espreitou o corpo. Não havia nem marca, nem arranha. Despiu-se para conferir seu estado completo. Quando estava sinceramente nu, ele se confirmou intacto, sem ferida e nem risco. Admirou-se. Então porquê aquele estampido sacudindo os ares e anexos? Ou será que inventara de ouvir, por excesso de medo? Com

certeza, fora. A bala voara só em sonhado pensamento. (COUTO, 1993, p.102-3)

A passagem da enunciação realista para a insólita se dá gradativamente e até o sobrenatural nessa narrativa sofre transição: no trecho transcrito acima estamos diante do gênero fantástico. O verbo **parecer**, presente na primeira linha, é modalizador e, por isso, já inicia o jogo de hesitação desse gênero, pois esse nasce da incerteza, intensificada pelo verbo. O personagem ao basear seus conceitos na experiência que denominamos por realidade, acredita ser um sonho, delírio causado pelo medo, o que o fez imaginar que ouvira um tiro, pois se esse acontecimento verdadeiramente fizesse parte da realidade, ele estaria ferido.

Ainda podemos notar que a hesitação sofrida pelo personagem – se o tiro realmente tivera existência ou não – também atinge o leitor, uma vez que esse não é contemplado com conhecimentos prévios e superiores do enredo em relação ao personagem, se esse pacto não ocorresse toda a ambigüidade deste trecho estaria desfeita, pois os leitores já conheceriam o desfecho da narrativa e não partilhariam das mesmas dúvidas que o personagem. (TODOROV, 2008) Vale ressaltar que no fantástico, o narrador onisciente desfaria a atmosfera da incerteza, uma vez que teria conhecimento antecipado e integral da narrativa. Se o pacto do leitor fosse feito com esse tipo narrador, a hesitação do fantástico, logo, estaria desmanchada. Portanto, o narrador indicado para o enredo fantástico, segundo Todorov, é o narrador personagem, o “narrador que diz ‘eu’”. Enquanto narrador, seu discurso não tem que se submeter à prova de verdade; mas enquanto personagem, ele pode mentir.” (TODOROV, 2008, p.91) E assim compõe-se o fantástico: o narrador-personagem cria a ambigüidade em sua narrativa, pois o leitor implícito hesita em desacreditar nos acontecimentos sobrenaturais narrados, uma vez que o narrador assegura a verdade do enredo, enquanto o personagem pode mentir, logo, o uso da estratégia do narrador-personagem cria a complexidade ideal para o gênero fantástico. Esta mesma escolha de foco narrativo contribuirá para a definição do fantástico, pois o texto construído na primeira pessoa facilita a identificação do leitor com a personagem, pois o “eu” é coletivo, e, assim, todos se apropriam dessa voz. (TODOROV, 2008) No conto coutiano, todavia, mesmo não sendo o narrador personagem que desenvolve a narrativa e sim um narrador externo (que fala em terceira pessoa), seu ponto de vista se aproxima ao ponto de vista do personagem, produzindo efeito semelhante.

Como sabemos, o personagem elege uma das opções: crê que o medo causara aquele disparo imaginário e assim acreditamos que o insólito está desfeito e

que o caso foi solucionado. Enganamo-nos nas duas suposições. O fantástico realmente teve fim, pois esse durou apenas o tempo da hesitação, quando o personagem escolhe a solução acima descrita, supomos que o conto retorna ao viés realista, contudo, o enredo se encaminha a um desfecho realista maravilhoso. Assim, ao invés da narrativa seguir um curso realista, ela se move em outro sentido, não em todo contrário, mas em direção a uma outra realidade. E é isso o que atestam o fragmento abaixo:

Estendeu o casaco para se deitar por cima. Precisava descansar, voltar a residir-se. Mas quando se encostava no chão viu no camuflado uma pequena mancha vermelha. Pequena quase ínfima, parecia uma gota de sangue. Aproximou o casaco dos olhos para melhor se concluir. Era sangue recente, ainda molhado de vivo. Assustado, voltou a examinar o corpo. Olhou, apalpou: nada, nadíssima. De onde saíra aquele sangue, pois então? E, de novo, se demorou a medir a nódoa vermelha no casaco. Aquela mancha crescia, aumentava como se estivesse recebendo de uma fonte rasgada. Primeiro, era um sangue minúsculo. Depois a gota se foi desembrulhando, multicrescida. Agora, já cobria todas as costas do casaco. (COUTO, 1991, p.103)

A dúvida discutida e resolvida anteriormente retorna à cena, o personagem e o leitor voltam a indagar se realmente não houve um disparo, voltamos ao fantástico. Todavia, o homem outra vez apalpa seu corpo e não encontra nenhum ferimento que dê vazão a todo aquele sangue. Anteriormente, tivemos a sensação de que a narrativa seguiria um desfecho realista, pois tudo não passara de um delírio, logo, as leis naturais se manteriam. O homem não havia sido atingido por um tiro, entretanto como explicar, de maneira realista, o acontecimento acima transcrito? De onde brotou aquele sangue? Ao contrário do que esperávamos, o enredo deságua no gênero realista maravilhoso e ficamos suspensos, sem respostas. Vale a pena ressaltar, de acordo com as diferentes formas de causalidade, descritas há pouco, que uma explicação seria esperada em um texto realista, porém, o realismo maravilhoso nega essas conexões de causa e efeito, pois não há questionamento nessas narrativas. Em seguida, encontramos:

Aflito, segurou a peça de roupa. Pingavam pesadas gotas e na areia se tracejavam. Levantou-se para lavar a farda no rio. Mas então se sentiu fraco, quase vazio. Caiu de joelhos e assim, como se estivesse de rezas, comparou-se com a roupa. O corpo estava todo, junto, sem fresta. Mas a roupa encharcava, até as manchas sanguinavam. (...) Dias depois, lhe encontraram sólido, rasteiro. A gente perguntava-se: morrerá como, se seu corpo estava intacto, sem golpe? E, no custo de crer, viram que ao lado se estendia um casaco militar. E lhe



tocaram, sentindo que era novo e muito limpo. E que nenhuma mancha havia no camuflado, como fosse recém-recente, como se nunca tivesse graduado o corpo de ninguém. (COUTO, 1991, p.103)

Como esperávamos, o acontecimento não é questionado no interior da narrativa, em sua causalidade, pois ela não depende de uma lógica aparente. Ao encontrar o corpo do homem, as pessoas não indagam o fato de o casaco ter retirado a vida do mesmo e sim a sua morte sem aparente violência, buscando uma motivação racional para o evento. Esta constatação pode ser explicada pelo hibridismo da construção do enredo: o encontro dos gêneros – realista, fantástico e realista maravilhoso – fez com que as testemunhas do corpo sem vida fossem integrantes do campo realista, enquanto o realismo maravilhoso estaria reservado apenas ao protagonista e ao leitor.

Estas três ordens de realidade utilizadas por Mia Couto na narrativa alcançaram grande êxito por representar os vieses da guerra. Os recursos da causalidade múltipla relacionaram a realidade da guerra ao sobrenatural, ultrapassando fronteiras e representando o combate em Moçambique nessas duas dimensões. Por que, afinal de contas, o intuito do autor não poderia ser justamente o de inverter a situação e enxergar a guerra como o mais insólito dos acontecimentos?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BLAZETTO, Flávia Cristina Bandeca. **Histórias de guerra: uma leitura de crônicas de Antônio Lobo Antunes e Mia Couto**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CHIAMPI, Irleamar. **O realismo maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

COUTO, Mia. **Cronicando**. Lisboa: Editora Caminho, 1993, 2º edição.

_____. Moçambique – 30 anos de Independência: no passado, o futuro era melhor? **Via Atlântica**, São Paulo, nº 8, p.191-204, 2005.

_____. **Vozes Anoitecidas**. Lisboa: Editora Caminho, 1999, 5º edição.

RODRIGUES, Selma Calasans. **O Fantástico**. São Paulo: Editora Ática, 1988.



Revista **Iluminart** – ISSN : 1984-8625 – Número 5 – Agosto de 2010 - IFSP – Campus Sertãozinho

SILVA, Rejane Vecchia da Rocha. **Romance e Utopia: Quarup, Terra Sonâmbula e Todos os Nomes**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.